ANO 4.º — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 1924 — N.º 1015

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

HOJE, no Senado o sr. Oriol Pena, referindo-se á publicação do livro de João Franco e em seguida ás burlas e ás pantomimices de Vermorel, exclamou:

—«Em compensação os burlões maximos que acabam de burlar o povo, abrigados pela suas imunidades parlamentares, continuam em liberdade. Refiro-me ao sr. dr. Alvaro de Castro e ao seu consocio preto sr. dr. Alberto Xavier».

Houve protestos.

O sr. Silva Barreto declarou que o Senado não era uma taverna e a agitação manteve-se por minutos até que o sr. Querubim Guimarães explicou a frase como tendo apenas significado politico e não ofender a honra pessoal dos visados.

O sr. Oriol Pena concordou.

O sr. Augusto de Vasconcelos disse que estava bem e só continuaram os protestos na esquerda.

Diz-se, no emtanto, que o sr. dr. Alvaro de Castro ainda hoje enviaria ao sr. Oriol Pena as suas testemunhas.

* * *

NOTAS politicas colhidas hoje:

—Que a acção republicana ia retirar o seu apoio ao governo Rodrigues Gaspar. Tentámos obter confirmação e apenas logrâmos vagas e enevoadas respostas.

—Alguem, altamente colocado na assembleia parlamentar e que pertence á maioria, declarou hoje a um nosso redactor: «o governo tem apenas alguns dias de vida...».

—O certo é que a ultima reunião em Coimbra veiu provocar no partido democratico um mal estar significativo. As duas correntes deste partido olham-se com olhos de poucos amigos. O sr. Rodrigues Gaspar não encobre o desgosto pelas dificuldades que podem resultar desta situação.

* * *

A DELEGAÇÃO do grupo independente ontem eleita procurou o deputado sr. Carlos de Vasconcelos, significando-lhe que a sua atitude para com o governo em materia de governadores coloniais não atingiu o nome daquele deputado, visto que concordam com a indicação do seu nome para a primeira vaga de governador, havia significado isto mesmo ao sr. presidente do ministerio.

* * *

SILVESTRE de Morais reuniu em volume alguns dos seus artigos dispersos, a que poz este titulo sugestivo—*Misterios e simbolos...*

Versa assuntos muito diferentes, mas todos bem presentes ás preocupações e reflexões dos que estudam a crise religiosa, moral e intelectual que atravessam os povos modernos.

* * *

MARIO do Rosario escreveu uma interessante monografia, acompanhada de ilustrações sobre *A vila de Alcaçovas*, em que nos conta e descreve a sua historia, as suas belezas, o seu comercio e a sua industria. O producto da venda destina-se a auxiliar a Misericordia alcaçovense.

* * *

ESTAVA marcada para hoje uma reunião do Directorio do Partido Democratico com o sr. dr. Alvaro de Castro e presidente do Ministerio. Não sabemos se sempre se realisa. Sabemos que se lhe liga uma grande importancia.

BRASIL

Caminha para o seu termo a revolução militar de S. Paulo, depois de algumas semanas de lutas em que o sangue de irmãos correu abundante.

A cidade caíu já em poder das forças legais, após um largo e nutrido bombardeamento que bastante a damnificou.

Não sabemos se os rebeldes ainda organizarão qualquer resistencia séria, prevendo-se, no entanto, que tenham ceifadas todas as suas esperanças.

Triunfa a politica do dr. Artur Bernardes e com ela uma honrada tentativa para sanear as finanças brasileiras, acabando com uma tradição de esbanjamentos e festins.

Nós que simplesmente desejamos as prosperidades do Brasil, nada temos com os dissidios que surgem entre os seus filhos, embora lastimemos que as virtudes da democracia—pacifica, inteligente e generosa—lá sofram tambem a molestia que lhe causam os gestos revolucionarios.

Depois da revolta de Capocabana, a de S. Paulo era esperada como a conclusão inevitavel dum estado morbido de irritação que alguns politicos exploravam, com o proposito que diziam patriotico de criar uma época de nacionalismo redentor.

O seu insucesso tem ao menos o merito de esclarecer uma situação que se embrulhava cada vez mais e que trazia descontentes e apreensivos muitos dos homens que, com maior denodo, trabalham para honrar o Brasil.

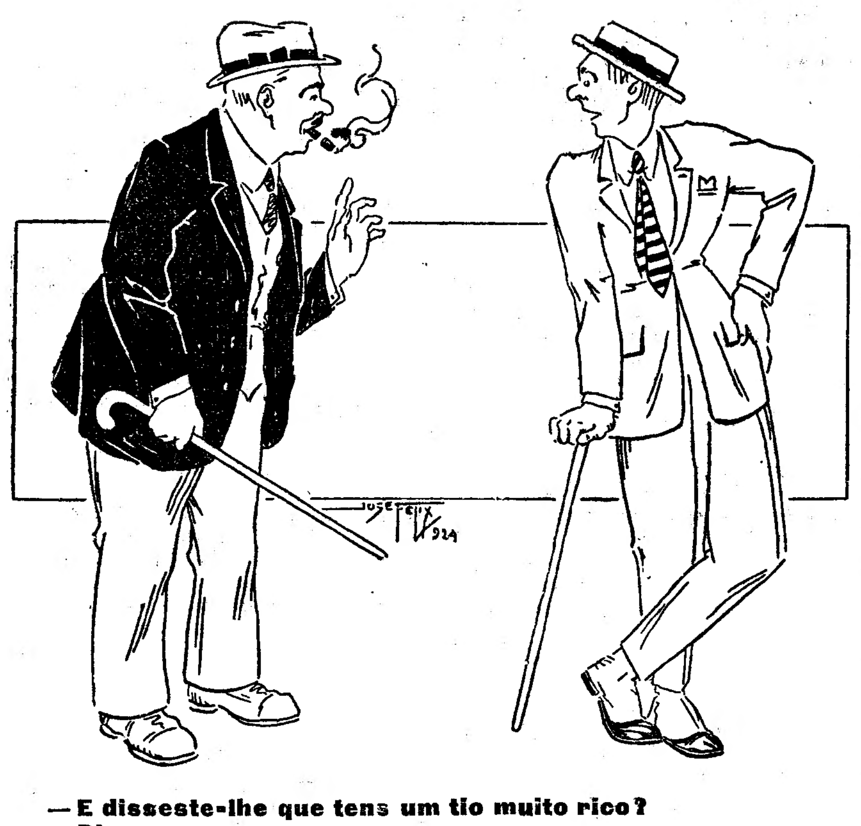
O dr. Artur Bernardes, uma vez restabelecida a ordem, afastados para longe os penosos cuidados que constantemente interrompiam os seus labores, encontra o caminho desembaraçado para uma obra larga e fecunda que, dando lustre ao seu nome, virá a ser uma incontestavel afirmação do espirito e da energia nacional.

E' sempre mau que se combata alguem, atribuindo-lhe responsabilidades em erros que lhe não competem.

No Brasil, segundo nos informam, houve quem teimasse em vêr no dr. Artur Bernardes não o cidadão exemplar que se sacrifica ao cumprimento do dever, mas o simbolo dum passado, alvo de acerbas criticas, com o qual não podia haver contemplações.

Como esta ilusão está prestes a desfazer-se, confiamos que no futuro ela se não repita. pois muito aproveitará com isso o povo brasileiro, digno de exercer na America um alto papel educativo e civilisador.

IMPRUDENCIA



—E disseste-lhe que tens um tio muito rico?
—Disse.
—Fizeste mal—porque ela agora casa-se mas é com o teu tio...

UMA pessoa nossa amiga informa-nos de que esta noite, na travessa da Pena, á calçada de Santana, alguem que se escondeu para que o não vissem praticar um acto de tanta malvadês, envenenou com estriquinina dois gatos de estimação, que vieram a morrer em casa do dono.

Casos destes revelam uma ferocidade que a policia deve reprimir severamente e para ele chamamos a atenção da Sociedade Protectora das Animais, que tem ao seu alcance os meios necessarios para descobrir o autor de uma tão grande barbaridade.

Atentados desta natureza, contra os animais nossos amigos, repetem-se diaramente em Lisboa, sem que a policia procure descobrir os autores, para lhes aplicar o devido correctivo.

* * *

NÓS sabemos que ha senhorios na miseria, visto que o rendimento dos seus predios não lhes garante, como outrora, uma vida de mediania desafogada.

Como pensamos que numa sociedade rasoavelmente organisada ninguem tem direito a lançar sôbre os outros as desvantagens das suas comodidades, esperamos que as Camaras, protegendo os inquilinos contra as manhas preensís de certos milhafres, dêem agora remedio aos males de que sofrem tantos proletarios... da propriedade.

* * *

OS operarios das obras dos Edificios e Monumentos Nacionais, julgados incapazes para o serviço, têm pendente da discussão nos Deputados, com parecer favoravel da comissão, o projecto de lei que os admite nas obras da Assistencia Publica. Pedem-nos que advoguemos a sua causa. Eis o que fazemos, lembrando que os antigos ministros do Comercio e das Finanças subscreveram aquele projecto, que evitará que alguns velhos operarios caiam em maior miseria.

* * *

ENCONTRA-SE de luto, pelo falecimento do seu filhinho mais novo, o nosso querido amigo dr. José Bruno, directer do *Correio dos Açores*. Apresentamos-lhe os nossos pesames, bem como a sua esposa a sr.ª D. Georgina Forjaz Carreiro.

* * *

NO dia 9 de agosto, realiza-se a inauguração do «Casino» que a Sociedade de Turismo de Cintra construiu como um melhomento indispensavel para o desenvolvimento de tão formosa estancia de verão.

* * *

UM grupo de amigos e admiradores oferece, no proximo domingo, no café Tavares, um almoço de homenagem ao sr. Costas Nearchos, consul geral da Grecia, grande amigo do nosso país e escritor ilustre.

* * *

ENCONTRA-SE bastante melhor o sr. dr. Egas Moniz, que tem sido visitado pelos seus muitos amigos.

O *Diario de Lisboa* deseja o pronto restabelecimento do ilustre medico e professor.

* * *

AFIRMAVA-SE hoje que, a sair do poder o sr. Rodrigues Gaspar, o sr. Alvaro de Castro se entenderia com o sr. Antonio Maria da Silva para a organisação do futuro ministerio.

Pensamentos

Dumas filho

Passa hoje o primeiro centenario do nascimento do grande dramaturgo Alexandre Dumas filho. Comemorando essa data, eis uns belos pensamentos tirados das suas principais peças:

Na realidade, que ha de serio numa vida em que se entra sem se pedir e donde se sai sem se querer?

* * *

Um meu amigo, muito preguiçoso, dizia: «E' inutil aprender, seja o que fôr, em vida, visto que saberemos tudo depois da morte.»

* * *

A esperança que se tem de sermos eternos no outro mundo, provém do desespero de não o sermos neste.

* * *

Entre dez mil homens, conta-se sete ou oito mil que amam as mulheres, quinhentos ou seiscentos que amam a mulher, um que ama uma mulher.

* * *

Ás vezes, ligamo-nos mais a uma mulher pelas infidelidades que nós cometemos para com ela do que pela fidelidade que ela nos guarda.

* * *

As mulheres ou não pensam em nada, ou pensam numa outra coisa.

* * *

Conforme a Biblia, a mulher foi a ultima coisa que Deus fez. Devia te-la feito ao sabado. Conhece-se a fadiga.

* * *

E' a miude a mesma mulher que nos inspira grandes coisas e nos impede de as realizarmos.

* * *

Os homens têm, ás vezes, o direito de dizer mal das mulheres, nunca duma mulher.

* * *

As mulheres absolutamente belas só têm o pudôr preciso para fazer valer a sua beleza.

* * *

A mulher não pode nunca degradar-se nem cair tão baixo como o homem, visto ter havido sempre amor na sua primeira queda.

* * *

O nó do casamento é tão pesado que são precisos dois para o levar—ás veses três.

* * *

Dai dinheiro, não o emprestes nunca; da-lo só faz ingratos, empresta-lo é criar inimigos.

* * *

Sabeis o que é o dever? E' o que se exige aos outros.

* * *

Uma obra que se lê, é uma obra que eleva; obra que se relê, é uma obra que fica.

* * *

Pode-se chegar a ser pintor, escultor, musico mesmo, á força de estudo; não se será um autor dramatico. Ou se é logo ou nunca, como se é loiro ou moreno sem o ter querido.

Trad. *José Parreira*

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21,30.—«O Leque».
Nacional=A's 21,30—«Os dois garotos».
S. Luís=Não ha espectaculo.
Trindade=A's 21,30.—«O Papá Lebonnard».
Politeama=Não ha espectaculo.
Avenida=Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Réz-Véz».
Apolo=A's 21,30—«O Capital».
Eden=Ás 21,30—«Fruto Prcibido.
Gil Vicente=Ás 21,15—«Os dcis sargentos».
Coliseu dos Recreios=A's 21,45—Variedades e torneio de luta.
Circo da Feira=(Parque Eduardo VII)—A's 21|45 e 23—Companhia Cardinalli.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz=Calçada da Gloria.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.

Não se paga Luxo

joias com Bons Brilhantes em 2.ª mão

Ouro e prata a peso

Preços limitadissimos, não se receando o confronto de preços com os de outras casas congéneres.

David C. Costa

RUA DA PALMA, 18

AO MINISTRO DA AGRICULTURA!

OS VINHOS

DA MADEIRA

não necessitam de mais regulamentos

pois que a lei em vigor é suficiente!

Do sr. J. Marques Jardim, conceituado industrial na ilha da Madeira recebemos a seguinte carta:

Sr. director: — Confiando na sempre pronta dedicação de v., em defesa das causas justas, venho rogar o grande favor de conceder um pequeno espaço no vosso lido «Diario», onde me seja permitido soltar o grito de alarme e protesto contra o ardiloso e inaceitavel projecto, presentemente na forja, que diz respeito á remodelação, mais que radical, do «Regulamento dos Vinhos da Madeira».

O comercio e beneficiação dos vinhos generosos da Ilha da Madeira, vinham sendo observados pelo regulamento, então em vigor, que data de 1913, ou melhor, de uma série de estudos, saídos da pratica, e considerados indespensaveis para a boa conservação e fama que universalmente gosam.

Pretende-se agora voltar á carga, rasgando-se de alto abaixo o antigo regulamento, para comodamente ser o comercio dos vinhos da Madeira entregue a meia duzia de casas que assim se vão regular «austeramente» com um abominavel monopolio.

Se a pratica demonstrou deficiencias, porque não se tratou de limar as mesmas com o esmero e a devida atenção que o caso requeria?

Seriam tão grandes as arestas que para as fazer desaparecer só encontrassem o deita abaixo?

Não. O caso é claro, e de facil conceção.

A ardilosa comedia, divide-se em quatro actos, tendo por primeiro, a proibição dos vinhos de pasto do continente, entrarem na Madeira.

O segundo acto, foi magicamente desempenhado na «Ilha» por uma comissão especial que teve por missão satisfazer os desejos dessa tal meia duzia de interessados.

Agora encontra-se em scena o penultimo acto, que é a confecção dos considerandos do sr. ministro da Agricultura, que da sua boa vontade em acertar, vai terminar por algemar a liberdade duma boa centena de exportadores (partidistas) em proveito da mesma meia duzia de grandes exportadores, que de assalto pretendem tomar os direitos e inegaveis interesses da viticultura madeirense.

Falta finalmente o quarto acto, que não tardará a surgir com a completa ruina do viticultor, se criteriosamente não se obstar o seu desenlace, enveredando esta magna questão para o seu verdadeiro campo.

Referindo-me agora ao primeiro acto desta farça de arranjismos, que docilmente vem sendo apadrinhada pela negligente politica, começarei por afirmar que o seu inicio burlesco foi alimentado pela conveniencia na justificação do malfadado projecto que agora se pretende aprovar.

O viticultor do sul reclamou calorosamente os seus justissimos direitos; porém, no dizer dos governantes, a sentença estava dada com todas as forças de lei, embora com desprezo pela verdade, e passavam a fazer a justificação infundada que os vinhos importados para o consumo da Madeira eram destinados a falsificações.

Uma mentira que jámais poderá ser justificada, pois que a Madeira não pode nem precisa dos vinhos importados para com estes preparar os seus tipos regionais.

Ha tambem os regulamentos que não permitem a fraude, e ainda quando criaturas de baixos sentimentos regionais tal o tentassem, sómente poderia entrar no consumo local, com todos os rotulos, excepto o do inconfundivel «Madeira».

Todo o vinho produzido naquela Ilha é sugeito a um manifesto de produção.

Na sua entrada para os armazens exportadores é verificada a sua força alcoolica, voltando novamente a ser examinado quando da sua beneficiação e elevação de grau para 18°.

E', ainda quando exportado para o exterior, fiscalisado convenientemente por habeis especialistas e meticulosos aparelhos analiticos.

Perante a interminavel serie de verificações e reverificações, como se pode conceber a maldita hipotese do vinho ultimamente importado para ali, ser destinado a falsificações?

A razão concludente da grande importação dos ultimos tempos, é a grande diferença dos preços que acusa 400 por cento para menos no confronto com os vinhos para consumo local. Temos ainda a preferencia ultimamente dada ao vinho comum em substituição da aguardente de cana que está custando a 20$00 cada litro, 26° C.

E' ainda a fabricação clandestina de aguardente (vinho queimado) a origem mais que certa de tanto consumo.

A' sombra do decreto proibitivo fizeram-se tambem eepeculações de toda a especie, começando por uma desmedida importação, que agora começa a proporcionar aos milhares de cascos em armazem, um lucro liquido de 200 por cento.

Não olharam os protogonistas aos sagrados direitos das duas regiões, e assim fazem descer o pano do 1.° e 2.° actos entrando na ordem do dia o 3.° para o qual passo a pedir a atenção do sr. ministro da Agricultura, e ainda a de todos os bons portugueses, amigos condoidos deste agonisante país, que assim se vem debatendo na mais que desolada crise de odios e ganancias.

O bom nome dos vinhos da Madeira não necessita de mais regulamentos; o que ele requere urgentemente é que haja criterio, que, adentro do campo livre do seu comercio, se exerça a fiscalização propria, para que se o deixe de considerar uma mistela, sem aquela independencia que sempre tem gosado por esse mundo além.

A lei actualmente em vigor e que rége o comercio de vinhos da Madeira, é mais que suficiente e só será concebivel a sua modificação como facto real de comodismo de individuos pouco escrupulosos na pastagem seductora do monopolio.

O sr. ministro, certamente desconhece o ardil ruinoso que vem preparando á viticultura madeirense, e como tal arrojo-me na qualidade de pequeno exportador dos vinhos de Madeira e ainda como viticultor da mesma região, a pedir o maximo cuidado perante as impensadas quão sofismaticas determinações de um regulamento, que ao ser aprovado, como ficou exposto pela comissão organizadora de tão completo desconchavo de principios, será a perda total de uma região vinhateira digna de muito melhor sorte.

A este meu brado isolado se juntará uma extensa exposição assinada pelos principais viticultores e vinicultores da Ilha que, pela primeira mala, chegará a esta capital, esclarecendo cabalmente o que de pernicioso e inutil apresenta o estudo da comissão, constituida na Madeira para elaborar o referido diploma.

Agradecendo a v. o favor dispensado á viticultura da Ilha, com esta vai o meu muito apreço como assiduo leitor e antigo assinante do vosso *Diario*, e ainda tomo a liberdade consciente de apresentar o reconhecimento de toda a região que presentemente se encontra entregue á despotica pretenção dos arrangistas, sugadores insaciaveis da tranquilidade, riquesa e bem estar dum povo honesto e trabalhador. Com a maior consideração.—De v. etc., *J. Marques Jardim.*

Pianos Alemães

das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calcada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa do Calhariz de Bemfica, condessa de Margaride, D. Maria Francisca de Menezes, D. Maria Rosalina Viana Pinto Coelho Ferestrelo de [illegible], D. Maria Leonor da Fonseca Magalhães da Costa e Silva (Almarjão) e D. Maria da Gloria Queiroga Valentim.

E os srs:

João Teodoro Ferreira Pinto Basto, José de Almeida e Sousa, Ernesto Luís Nogueira Pinto, Pedro de Carvalho Daun e Lorena, Vasco Larache Semede, Joaquim Jorge de Menezes Graça e Ruy Cabral Moncada do Casal Ribeiro de Carvalho.

Diplomatas

Na proxima quinta-feira deve partir para França, Italia e Belgica, com sua esposa a sr.ª condessa Lichterbelde, o ilustre ministro da Belgica em Portugal, ficando durante a sua ausencia do nosso país encarregado da legação, o primeiro secretario.

—O principe de Borguezi, ilustre ministro da Italia em Lisboa, partiu para o seu país em gozo de licença, ficando encarregado dos negocios o conselheiro da legação.

—Nos primeiros dias do proximo mês parte para a Suiça, onde vai fazer a sua costumada cura, o ilustre ministro da America entre nós.

—Regressou da Curia, o sr. dr. Peres Acebedo, ilustre ministro de Cuba em Portugal.

Casamentos

Ha dias foi pedida em casamento pela senhora D. Rita Rodrigues Costa, esposa do sr. Carlos Enes Costa, para seu filho Rafael, a senhora D. Alda Fernanda de Araujo Ramos, gentil filha da senhora D. Laura Camila de Araujo Ramos e do sr. Adelino Filipe Ramos, já falecido.

—Realisou se ha dias o casamento da senhora D. Margarida Boaventura, interessante filha da senhora D. Elvira de Jesus Boaventura e do sr. Antonio Boaventura, com o sr. Alberto Quaresma Jorge, filho da senhora D. Maria do Rosario Quaresma Jorge e do sr. Antonio Quaresma Jorge, tendo servido de madrinhas as senhoras D. Maria da Fé Gomes do Amaral e D. Palmira Matilde Gomes Guerra e de padrinhos os srs. Francisco Lino Ferreira do Amaral e Filipe Jacome.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

—Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, realisou-se ha dias o casamento da senhora D. Eugenia Franco Rodrigues, gentil filha da senhora D. Emilia Rodrigues e do sr. Rogerio Leão Rodrigues, já falecido, com o sr. Francisco José Rodrigues, filho da senhora D. Maria do Carmo Rodrignes e do sr. Francisco José Rodrigues, já falecido, tendo servido de madrinha a senhora D. Cacilda Barros e Sá e de padrinhos os srs. José Franco Rodrigues, irmão da noiva; dr. José Caldeira de Oliveira e o engenheiro João Barbosa Corsine.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido na residencia da irmã e cunhada da noiva um fino «lunch», seguindo depois os noivos para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

—Ha dias realisou-se na paroquial igreja de S. Mamede o casamento da sr.ª D. Helena Moreira Rato, interessante filha da sr.ª D. Emilia Moreira Rato e do sr. Antonio Duarte Moreira Rato, com o sr. Firmino Morais David, filho do sr. Herminio José David, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Leopoldina Moreira Rato Bacelar e D. Maria Augusta Martins David, respectivamente tias dos noivos e de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso, os noivos partiram para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

No Campo Pequeno

Para quinta-feira anuncia-se uma corrida nocturna, em que toma parte novamente o fenomenal espada «Maera», com a quadrilha completa de picadores e bandarilheiros, que tanto exito obteve na tarde de domingo passado. «Maera», querendo manifestar ao publico de Lisboa o acolhimento que lhe fez na tarde de domingo passado, apresentará, em dois garraios da ganadaria de Emilio Infante, seu irmão mais novo, uma criança ainda. Completam o magnifico «cartel» os nossos cavaleiros José Casimiro e Antonio Luiz Lopes, sendo o gado de João Coimbra, para a lide á espanhola, e de Antonio Lapa, para os restantes. A pé, temos os nossos melhores elementos no genero. Com tão belo «cartel», é de esperar que a noite de quinta-feira no Campo Pequeno seja revestida de grande brilhantismo.

Em viagem

Para a Beira Alta, parte no principio do proximo mês com sua mãe a sr.ª D. Julieta Pereira de Sampaio Forjaz, o ilustre professor da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa, sr. dr. D. Antonio Pereira Forjaz.

—Parte com sua esposa a sr.ª D. Matilde Gonçalves de Freitas Machado, brevemente para Chatel-Guyon e Vichy, o sr. conselheiro Achiles Machado.

—De Cascais, parte para Vidago na proxima semana, o sr. José de Castelo Branco Ribeiro da Cunha.

—Da casa do Colegio, em Gouveia, onde esteve hospeda da sr.ª D. Maria Antonio de Ataide de Magalhães e Meneses (Felgueiras), regressou á sua casa da Figueira da Foz, a sr.ª D. Isabel Souto de Almeida Rainha, esposa do sr. dr. Antonio de Almeida Rainha.

—Para o estrangeiro, parte em breve com sua esposa a sr.ª D. Feliciana Ortigão Burnay, o sr. dr. Eduardo Burnay.

—Encontra-se com sua esposa nas Caldas das Felgueiras, o sr. dr. Costa Sacadura. Acompanha-os a sr.ª D. Maria de Amparo Mendes de Almeida Belo, filha da sr.ª D. Maria de Amparo Mendes de Almeida Belo.

—Está em S. Martinho do Porto a sr.ª D. Maria Antonia de Ataide de Magalhães e Meneses (Felgueiras).

—Com sua esposa a sr.ª D. Laura Cancela Infante de La Cerda, e filhas, encontra-se na sua vivenda de Sobralinho, o sr. Camilo Infante de La Cerda.

—Partiu para S. Pedro da Cadeira, com sua familia a sr.ª D. Ana da Camara Berquó.

—Brevemente parte com sua esposa a sr.ª D. Alda Barroso, para a sua quinta de Gilmonde, em Barcelos, o sr. Virgilio Barroso.

—Acompanhada de suas irmãs D. Claudia e D. [illegible]men, encontra-se já na sua quinta em Cezimbra, a sr.ª D. Antonia Ramada Curto.

INFECÇÕES INTESTINAIS

Enterites — Diarréas — Prisão de ventre

YOGURTINA

FERMENTOS LACTICOS
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

"VIENT DE PARAITRE,,

Do livro de Paulo Freire

"Homens do meu tempo,,

transcreve-se o capitulo referente a Julio Dantas

Homens do meu tempo—é o titulo de um novo livro que o nosso camarada Paulo Freire acaba de publicar. O livro de um jornalista tem sempre interesse. A' margem da informação, da cronica, do comentario, o jornalista reserva sempre para si algumas notas interessantes, que mais tarde ficam bem em livro, se encontram o editor inteligente que queira dar-lhe publicidade.

Paulo Freire encontrou o seu editor. *Homens do meu tempo* é um livro que se lê com inteiro agrado, da primeira á ultima pagina. Passam através das suas trezentas paginas algumas figuras conhecidas e outras quasi ignoradas, que bem merecem a homenagem de um capitulo áparte na obra de Paulo Freire.

Escrita numa linguagem correntia, não isenta de brilho literario, com o seu aspecto anedotico interessantissimo, esta obra contém revelações preciosas para o estudo de alguns homens do nosso tempo.

Paulo Freire escreveu a, ainda convalescente de uma grave doença, o que não impede que seja um trabalho vigoroso, cheio de observação e de espirito critico, um repositorio valiosissimo para aqueles que mais tarde tiverem o encargo de fazer a historia. E quasi chegamos a desejar que Paulo Freire adoeça novamente, para convalescer de novo e de novo nos dar um livro tão interessante como os *Homens do meu tempo.*

O capitulo que se refere ao sr. dr. Julio Dantas—que em seguida transcrevemos—merece ser lido com atenção.

Julio Dantas, todos o sabem, é medico «in partibus infidelis», e literato de polpa na hierarquia literaria de Portugal.

Tem valor o sr. Julio Dantas? Incontestavelmente. Eu confesso, em abono da verdade, ha artigos-cronicas do poeta das «Rosas de Todo o ano» que eu leio embevecido pela elegancia da frase e pelo suave deslisar da acção.

Mas o que eu detesto é o sr. Dantas archaico, o sr. Dantas dos palavrões antiquados e rebuscados nos velhos «chronicons». Não; esse é detestavel. Mais—prejudicial ao revigoramento da palavra escrita nesta epoca decadente que atravessamos. Isto penso—isto escrevo.

Na «Revista de Historia», n.º 26, ano VII—abril—junho de 1918, a alta mentalidade critica, a mais erudita e a mais vigorosa que possuimos, o sr. Fidelino de Figueiredo, analisa a sangue frio, literaria e scientificamente, a obra do sr. Dantas. E' um estudo perfeito, completo, analise dum homem de sciencia e dum literato eximio. Vale a pena compulsar o opusculo e ler o artigo O sr Dantas desaparece. O sr. Dantas desfaz-se. O sr. Dantas pulverisa-se.

Nestes termos, fazer a critica da obra do sr. Julio Dantas seria pedantice da minha parte, inutil e descabida.

Simplesmente direi:—o primeiro livro de versos do sr. Dantas, «Nada», reeditado ha pouco, é um livro doentio, mau, perverso e obsceno. E toda a obra do sr. Dantas com raras excepções, parte em linha recta desse livro, em maldade e em perversidade, e mais do que tudo isto, em absoluta inutilidade.

Mas, vá lá uma outra confissão minha: reputo duma romantica felicidade de espantosa os dois episodiosinhos—«Rosas de todo o ano» e «1023». Gosto. Encantam-me. Até nem parece feito pelo sr. Dantas, caramba!, tão simples, tão sentimento é aquilo!

* * *

Agora vamos ao sr. Dantas plagiario.

Não se fala num café, ou numa redacção, da obra deste literato, que um dos presentes não diga logo, «ex-cathedra»:

—O Dantas? Ora, adeus! Esse homem plagia tudo!

E vêm logo as acusações:—que o sr. Dantas plagiou a «Ceia dos Cardeais», havendo ainda a versão de que a não plageou, mas de que esta foi escrita pelo pai, em Italia, e existe no «Album» duma alta personalidade italiana; que o sr. Dantas plageou o «Primeiro beijo», que o sr. Mayer Garção nos déra já na traducção da «Historia Antiga», de Guy de Maupassant; que o sr Dantas no «Viriato Tragico», plageou o sr. Rostand; que o sr. Dantas, na «Santa Inquisição», falsificação historica indigna dum homem de letras, imitou servilmente Almeida Garrett; que o sr. Dantas, no «Paço de Veiros», se pôz ás cavaleiras dos «Espectros» de Ibsen; e, emfim, que o sr. Dantas, na sua «Patria Portuguesa», plageou descaradamente Alexandre Herculano e Alfonse Daudet.

São estas as principais acusações que se lhe fazem. Todas justas? Só não respondo pela veracidade do que diz respeito á «Ceia dos Cardeais». No resto está certo. Mais do que certo, comprovado nas peças referidas.

Mas que tem que o sr. Dantas plagie? E Virgilio não plageou? Horacio, e Tito Livio, e Milton, e Dante, e Camões, não plagiaram?

E vindo cá para os nossos dias:—o sr. Teofilo Braga não tem sido toda a vida o mais porco gatuno literario, de que resa a historia de tais gatunices, comprovado e demonstrado por Camilo Castelo Branco, pelo sr. dr. Ricardo Jorge e por tantas das nossas sumidades, que eu ainda um dia hei de reunir num volume de quatrocentas paginas que para tanto dão essas acusações.

O poeta brasileiro Raimundo Correia, tão considerado e tão justificamente considerado, não plagiou tambem? Plagiou apropriando-se do que pertencia ao sr. Jean Richepin e publicando-o como coisa sua, isto numa duzia de quadras a que pôz o nome de «Aretino», o mesmo fazendo ao seu preciosissimo soneto «As pombas» que todo o mundo conhece e aprecia e que eram de alheio pombal, dizendo uns que do pombal de Gautier, na «Mademoiselle de Maupin», outros que «das pombas» do sr. Theophile. Em compensação, e para não desgostar Gautier, vieram depois Vicente de Carvalho, Gaspar de Lemos e parece-me que o sr. Alberto Pimentel que os deram de novo «em primeira mão». E por fim veio Antonio Nobre, o «divino» Antonio Nobre, que das «Pombas» de Gautier fez essa maravilha de sentimento que vem a paginas tantas do «Só», sobre a rubrica de «Menino e Moço», e que é de todos os plagistas feitos sobre Gautier, o mais belo, o mais harmonioso e o de maior sentimento.

E Gonçalves Crespo, não plagiou tambem Campoamor? E' comparar a poesia «Num leque», («Nocturnos») com a poesia «Quié és Amor» («Doloras e poemas») e ver como Gonçalves Crespo, sem dizer agua vai, se foi apropriando do trabalho alheio.

E ainda ha pouco o sr. Brito Camacho não foi apanhado com a boca na botija da roubalheira literaria pelo «Jornal da Tarde», na historieta «da pequena diferença»? Foi. Simplesmente quando o acusaram de ter plagiado Blasco Ibañez. salta de lá o sr. Antonio J. de Abreu Castelo Branco e barafusta que não, que não podia ser, porque o sr. Blasco Ibañez tambem roubara o caso a Guy de Maupassant que o conta no volumesinho que o sr. Eça Leal traduziu com o titulo de «Vagabundo». Quer dizer, todos ladrões como ratos, salvo seja.

Ora nestes termos que muito é que o sr. Dantas chegue tambem de vez emquando a braza alheia á sardinha da sua celebridade?

Sim, que mal ha nisso, se «nihil novi sub sole», e o sr. Dantas, inspector das Bibliotecas e Arquivos, Director no Conservatorio de Lisboa, poeta, dramaturgo e jornalista lhe não chega o tempo para produzir tanto como produz?

E agora aqui para nós, leitor amigo que me ler, se tu tivesses como o sr. Dantas, uma biblioteca daquelas ás tuas ordens, com calhamaços que os outros não conhecem, tu não lh'os ias impingindo como coisa tua a mil e duzentos réis o volume?

Anda, confessa, leitor amigo...

Claro que sim... que as vidas estão curtas e as celebridades custam que tem diabo!

* * *

Quando o sr. Dantas «nasceu» com o seu «Nada», valeu-lhe de muito o nome e as amisades de seu pai, o velho escritor e jornalista Casimiro Augusto de Sousa Dantas, que pelos seus conhecimentos fez vingar o volume nas criticas amigas das gazetas. Nesse tempo o sr. Dantas, muito magro com o seu «plastron» negro, o seu bigode negro e os seus olhos de Maria Madalena depois de convertida, tinha uma alcunha pitoresca e engraçada, mas que eu não posso escrever aqui. Chamavam-lhe qualquer coisa triste; e se o sr. Julio Dantas hoje tem já um outro aspecto que lhe desmente a alcunha, o que é facto é que a sua tristeza á Maria de Magdalo subsiste, fazendo a delicia de todas as pequenas do Chiado que o vêem passar silenciosamente, cadenciadamente, a caminho da Biblioteca Publica, e exclamam babadas de goso:

—Ai! mana! O Dantas, que lindo!

E o sr. Julio Dantas lá segue, lá segue, estatua olimpica de tristeza, a caminho da rua Ivens...

* * *

Incontestavelmente o sr. Julio Dantas, apesar do seu decadentismo, do seu preciosissimo de fraseado rebuscado, do seu pouco escrupulo de apropriação, tem talento. Talento prejudicial, sem duvida, mas talento.

Eu bem sei que em toda a sua obra ha mostras de ser acintosamente piégas, ou criminosamente perversa. Mas o facto é que em todo esse amontoado de prosa e verso ha tambem coisas aproveitaveis.

A acção é má O fim por vezes é péssimo. Mas o recheio, donde em onde, póde passar por oiro de lei.

Pouco, talvez, para o muito que o sr. Dantas tem escrito, mas o suficiente para se provar que, se o sr. Dantas não quizesse agradar ás massas e ás paixões politicas da epoca, algo teria feito de mais belo e de mais util. Mesmo plagiando o dobro!...

* * *

Como trabalha o sr. Julio Dantas?

Pelo que eu sei, o sr. Dantas é o homem dos «papelinhos». O sr. Dantas lê qualquer livro, e tudo o que nele houver de interessante sobre qualquer ponto de vista historico, psicologico, biografico ou bibliografico, o sr. Dantas copia para um quadradrinho de papel que é colocado na devida altura e no seu maço competente. Assim o sr. Dantas tem hoje milhares desses papelinhos que vai compulsar para as suas cronicas e para as suas peças, e que, ás vezes até, empresta aos seus panegiristas para os livrar de dificuldades n'algum «entalanço» maior:—ao sr. Avelino de Almeida, por exemplo, em cujas mãos algumas vezes os vi na redacção da «Capital».

A caligrafia do sr. Julio Dantas, é, ao pé da de todos os nossos escritores, presentes e passados, a mais rebuscada tambem. O sr. Dantas não escreve. O sr. Dantas desenha. E' uma letra original, especial, «sui generis». Quem se entregue aos estudos grafologicos, tem na letra do sr. Dantas toda a sua psicologia morbida e doentia. Não precisa mesmo analisá-la. Basta fitá-la de relance, em conjuncto.

* * *

O sr. Julio Dantas tem colaborado em quasi todos os nossos jornais de Lisboa e Porto, da maior importancia, como «Diario Ilustrado», «Correio da Manhã» (na sua 1.ª phrase), «Novidades», «Renascença», «Seculo», «Ilustração Portuguesa» (do «Seculo»), «Primeiro de Janeiro» (na sua espartilhada secção «Quintas feiras») e «Capital», onde publicou em folhetins que tiveram grande procura e foram de facto um exito jornalistico durante a sua publicação (administrativamente falando),—«A Patria Portuguesa» e «O Amor em Portugal no Seculo XVIII», andando ha tempo já anunciada a publicação no mesmo jornal duma nova série de cronicas sob o titulo de «As grandes batalhas».

Faz realmente pena ver um homem de talento como o sr Julio Dantas enveredar pelo caminho das pachouchadas politico-historicas ou politico-scientificas, como na «Santa Inquisição» propositadamente escrita contra, e onde se encontram estereotipados todos os velhissimos preconceitos réles e tolos que contra esse tribunal se têm avolumado, coisas já estafadas e que não merecem a mais pequena atenção dum homem de letras honesto e probo; ou a «Hereditariedade e degenerescencia nas Raças Reais Portuguesas», pai ou irmão gemeo daquela conferencia que eu ha três anos fui ouvir-lhe na Imprensa Nacional sob o tema—«Consanguinidade e degenerescencia das familias reais»— livro e conferencia escrito e feita para agradar ao barrete frigio, para ter os elogios do «Mundo», para fazer «bichaninha gata» ao sol nascente, sem se lembrar do tempo em que todo ele era salamaques e cortezias para os membros «dessas raças degeneradas»!

O sr. Dantas é hoje um laureado academico, um louvaminhado escritor, um sol resplandecente que a muita gente aquece e ilumina.

Para mim é o que aí fica e nunca foi outra coisa.

Ha ainda uma phrase em que não toquei—a sua vaidade. Quem a não tem?

Já o outro dizia que tinha a vaidade de não ter nenhuma...

E' humano. Eu para mim prefiro o orgulho. Acho-o mais consentaneo com as aspirações da Força. O sr. Dantas prefere a sua vaidadesinha, mansa, meliflua, irmã daquelas semi-virgens de Marcel Prevost. Por isso, muitas vezes, o sr. Dantas vai-se chamando a si mesmo «ilustre». Está no seu direito

Não vem daí mal ao mundo, nem o sr. Dantas sóbe um furo no conceito scientifico dos eruditos. Mas vai subindo no conceito dos parvos que me vão chamar agora nomes feios por toda a sinceridade com que eu tive a coragem de dizer deste troca-tintas o que pensava, o que sentia e o que ele é. Mas desses me rio eu...

POLICLINICA
DA
RUA DO OURO
Entrada Rua do Carmo, 98
PARA CLASSES POBRES
Clinica medica—Dr. Armando Narciso—A's 4 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—11 e 4 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Analises—D. Gabriela Beato—4 h.

GUY D'OLIVEIRA
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo Prof. Dr. Ayres Kopke
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º
TELEF. C. 1196

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. do dia 29: Depressão na Mancha 747mm com tendencia a deslocar-se para SE. Zona de alta pressão nos Açores 769mm. Pressão em Lisboa 762mm. O barometro sobe nas ilhas Britanicas e Penincula e desce no resto da Europa e nos Açores.

Tempo provavel em Lisboa no dia 30: Tempo encoberto, vento NO bonançoso.

Chá das cinco

Comer

«Comer», diz algures um escritor de quem me não lembro agora, é o verbo mais imperial do mundo. Confesso que estou em desacordo e ouso chamar-lhe, se me dão licença, o verbo mais democratico da lingua portuguesa.

Desde que os esquerdistas iniciaram a sua campanha de propaganda, «comer» tem sido o verbo radical por excelencia, o estandarte pantagruelico da ideia nova que alguns politicos andam a apregoar pelo país aos quatro ventos da ingenuidade popular.

Foram ao Barreiro e comeram; foram a Coimbra e refastelaram-se num lauto banquete regado a vinho branco da Bairrada; anuncia-se já que devem ir ao Porto e o primeiro cuidado dos seus prosélitos foi preparar-lhe o «menu» da jantarada.

Que apetite! Se conseguem entrar no Terreiro do Paço com tão boa disposição para a «mastiga», já podemos profetisar que nos comem a carne, deixando-nos o osso á mostra.

Ficamos, pelo menos, com a certeza de que não sofrem do estomago. Depois de uma boa oração patriotica, são homens para digerir a propria Constituição, que é dura de roer.

E o que me traz pensativo ácerca do destino de tão prestimosos cidadãos é que, depois de terem digerido a alface, se devorem uns aos outros — como os grilos do padre Patagonia...

Norberto Lopes

DE LUTO

D. Virginia Gomes Almada

Faleceu hoje a sr.ª D. Virginia Gomes Almada, esposa estremecida do sr. Antonio Almada e mãe do sr. Artur Gomes Bebiano. O funeral da desditosa senhora realisa-se ámanhã, pelas 14 horas, saindo o funeral da estação do Cais do Sodré para o cemiterio do Alto de S. João.

A toda a familia enlutada enviamos sentidos pezames.

José Alves Castelo

Realisou-se hoje o funeral do sr. José Manuel Alves Castelo, sendo muito concorrido por amigos e parentes do finado.

O *Diario de Lisboa* apresenta sentida condolencias a toda a familia enlutada e em especial ao nosso amigo sr. Joaquim Alves Castelo.

«Casa dos Estudantes»

No proximo dia 3 de agosto, realisa-se no teatro Nacional uma «matinée» a favor da fundação da «Casa dos Estudantes».

Para esse fim, uma comissão de estudantes tem visitado o corpo diplomatico e casas comerciais, efectuando a venda de bilhetes.

No dia 1, serão postos á venda, na bilheteira do teatro, os poucos bilhetes que restam.

Presidencia da Republica

O Chefe do Estado, passeou esta manhã pelo Campo Grande, acompanhado do seu oficial ás ordens, primeiro tenente sr. Arantes Pedroso.

O sr. Teixeira Gomes recebeu esta tarde em audiencia particular, no palacio de Belem, os srs. dr. Caetano Gonçalves, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, comandantes da Guarda Republicana e de cavalaria da mesma guarda, comandante da 1.ª Divisão general Adriano Augusto de Sá, senador e coronel Ramos da Costa e o adido militar á legação de Espanha.

Colhido pelo comboio

Haverá suicidio?

Quando esta manhã o comboio 1307 que sai de Lisboa ás 8 horas para Cintra passava ao quilometro 20, colheu um individuo cuja identidade se desconhece e que teve morte instantanea.

Segundo informações colhidas no local, parece tratar-se de um suicidio.

Por este motivo esteve retido em Rio de Mouro, desde as 6,53 ás 9,5, o comboio 1314.

A Cidade

A NOSSA LITERATURA

Portugal foi defendido na Academia Brazileira pelo presidente Medeiros e Albuquerque

O *Diario de Lisboa*, devem os leitores lembrar-se, publicou ha dias, ha poucos dias ainda, um artigo referente á maneira pouco lisongeira como o escritor brasileiro sr. Graça Aranha se referiu, na Academia Literaria do seu país, á literatura portuguesa e ao bom nome de Portugal, dizendo cobras e lagartos de alguns dos nossos escritores, o que levou o presidente da referida Academia, sr. Medeiros e Albuquerque, a afirmar o seguinte: *a conferencia do sr. Graça Aranha foi, a meu vêr, pouco delicada, grosseira mesmo.*

Hoje ficámos agradavelmente surpreendidos com o discurso pronunciado por este mesmo senhor na ultima sessão solene da Academia Brasileira, com o qual o sr. Medeiros e Albuquerque responde ao sr. Graça Aranha em termos que nos cumpre registar sem demora, tão dignos são do nosso aplauso, pela maneira desapaixonada e inteligente como soube defender as nossas letras e a nossa arte—emfim, o bom nome de Portugal.

Na impossibilidade de transcrevermos, na integra, o discurso do ilustre presidente da Academia Brasileira, recortamos algumas passagens, porventura os que melhor impressão poderão causar no espirito dos leitores, dados a estas coisas nobres da sensabilidade e do pensamento:

. . . .

«De tudo que o nosso colega Graça Aranha disse contra a nossa corporação, o mais espantoso foi que a tivesse acoimado de pouco patriotica e, propagnando o nacionalismo, nos incitasse a não sermos a camara mortuaria de Portugal.

Deixando de lado a extranha afirmação de que Portugal esteja moribundo, quando ele afirma, dia a dia, a sua admiravel pujança, o certo é que nada revela em nós o desejo de nos subordinarmos á sua orientação. Isso não importa dizer que Portugal está moribundo e que devemos nos afastar dele o mais que podermos.

. . . .

Portugal está pujante de vitalidade. Ha nele escritores magnificos que honram a sua, como honrariam a nossa ou qualquer literatura. Todo o nosso interesse será sempre que cheguemos á perfeita unidade da lingua.

. . . .

Os mortos que o sr. Graça Aranha vai matando—Portugal e a Academia—vão bem muito obrigado.

. . . .

Muito temos nós que aprender da grande ilustração, do admiravel talento de Graça Aranha. Muito. Do que, porém, nunca ele nos precisará dar lições é de patriotismo e de nacionalismo. A Academia é brasileira e de letras brasileiras.

. . . .

Graça Aranha tem um medo imenso de envelhecer. Faz muito bem. Não ha molestia mais repugnante que a velhice. Que Graça Aranha lute para ficar moço é tudo quanto ha de mais justo. Mas para isso não basta cercar-se de môços, cuja mocidade está muitas vezes apenas na certidão de idade. O meu querido colega sabe da historia daquele papa a quem um medico receitou que se deitasse entre dois jovens corpos femininos, esperando que a mocidade deles fosse bastante contagiosa para ser transmitida ao enfermo. O remedio não valeu nada. O papa morreu.»

. . . .

Eis como o sr. Medeiros e Albuquerque respondeu ao terrivel adversario de Portugal, na ultima sessão solene da sua Academia—que não é só de letras brasileiras, pois tem tambem alguns socios portugueses, entre os quais o grande poeta Antonio Correia de Oliveira.

Registamos com orgulho estas passagens do discurso do presidente da Academia de Letras do Brasil—apesar de a sua imparcialidade não ser tão rigorosa como seria grato para nós reconhecer—pois, a certa altura do seu discurso, mantem a seguinte afirmação, muito e muito discutivel: *em materia de lingua, a supremacia passou para nós. Somos nós hoje os donos da lingua.* E' a nossa opinião que deve prevalecer em todos *os desacordos.*

Isto, com efeito, é excesso de patriotismo—muito desculpavel. Mas é-nos licito supor, por todas estas atitudes de *panache* literario e artistico, que o Brasil ainda é capaz de se convencer de que foi ele que nos descobriu e não Portugal que o descobriu a ele—por mercê da sorte, que rege a vida dos homens e dos mundos.

„Grupo dos Nove„

Promovida por este grupo, realisou-se, no passado domingo, a manifestação funebre aos covais dos falecidos consocios Manuel Rego, Faustino Rodrigues, Miguel Rosa e José de Almeida.

Usaram da palavra, relembrando as qualidades dos falecidos, os srs. Alvaro de Carvalho, Antonio Domingos dos Santos e Antonio Coimbra.

Malas postais

Pelo «Antonio Delfino» são ámanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 9.

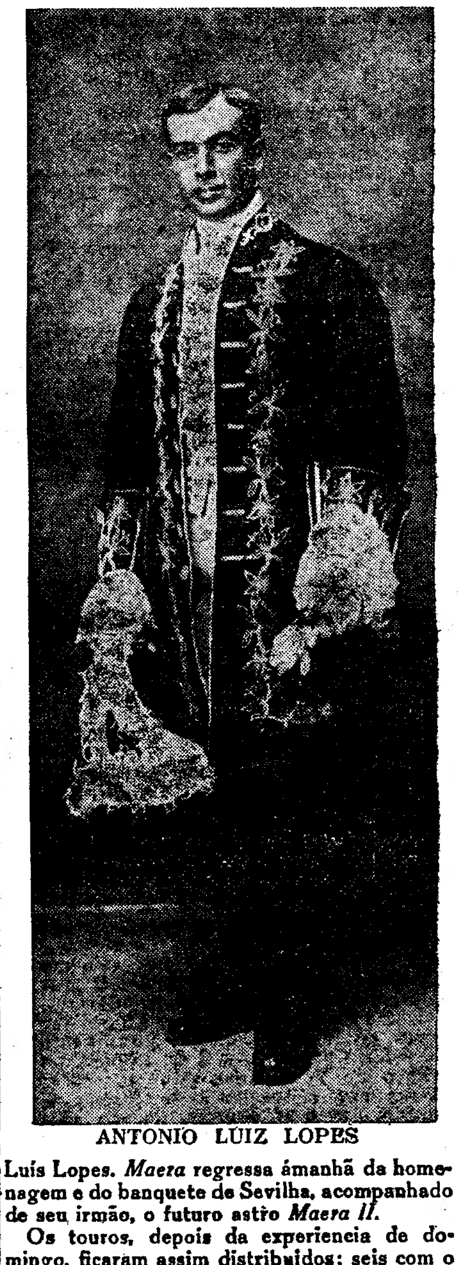
Evitem os intermediarios!
Adquirindo as fazendas para fatos ou vestidos directamente na
Fabrica de lanificios
de Manuel Jeronimo de Matos, Suc.
Covilhã
PEÇAM AMOSTRAS e verifiquem as vantagens da compra directa ao proprio fabricante.

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Rua Nova do Almada, 80-1.º
da 1 ás 3 Tel. C. 535

TAUROMAQUIA

NA QUINTA-FEIRA realisa-se na praça do Campo Pequeno uma sensacional corrida com o espada "Maera„

Ao anuncio da nova apresentação de *Maera*, o heroi da memoravel corrida do passado domingo, sucedeu um enorme interesse, aliás justificado, pois a proxima nocturna está decalcada na mesma organização de cartaz, aumentado com novos elementos de interesse. Assim, desta, vez á escola vibrante de José Casimiro vai ser oposto mais um representante dos novos, o classico e estudioso cavaleiro Antonio



ANTONIO LUIZ LOPES

Luís Lopes. *Maera* regressa ámanhã da homenagem e do banquete de Sevilha, acompanhado de seu irmão, o futuro astro *Maera II*.

Os touros, depois da experiencia de domingo, ficaram assim distribuidos: seis com o ferro PL (Antonio Lapa), os que melhor cumpriam depois dos de Emilio Infante, que manda dois garraios para *Maera II*, e finalmente dois de João Coimbra. Total dez touros, em que haverá oportunidade para brilhar a arte forte de *Maera*. A extraordinaria affuencia á bilheteira da Praça dos Restauradores dá ideia do interesse que a corrida provocou.

Os primeiros exitos de «Maera II»

MARCHENA, 25—Novilhos de Surga mansos. *Maera II* toureou admiravelmente de capote, cravou três pares de bandarilhas com arte e estilo, e toureou de muleta, emocionando o publico que o ovacionou ao matar com enorme valentia.—(Especial).

Dr. Coutinho de Oliveira
CLINICA GERAL
RUA NOVA DO CARMO, 69
Telefone: C.-2507 Das 3 ás 5

A Cidade

O MOMENTO

SÓ
UM GOVERNO
de alienados
aumentaria neste momento
a circulação fiduciaria
diz-nos Ramada Curto

Correu hoje o boato de que a operação financeira negociada em Londres, com a caução da nossa prata, está posta de parte definitivamente pelo governo—que, em extremo recurso, aumentará a circulação fiduciaria.

O jornalista tentou saber directamente do ministro das Finanças o que se passa sobre o assunto, não conseguindo, porém, em virtude do sr. dr. Daniel Rodrigues ter a tarde toda ocupada em conferencias antecipadamente marcadas. das.

Todavia, não desistimos de colher as impressões, sobre o caso, com o primeiro politico que topassemos, dado a estes assuntos financeiros. Quiz o destino que fosse o sr. dr. Ramada Curto.

—Então, dr., a sua opinião sobre o novo aumento de circulação fiduciaria?

—Não creio que o governo se resolva a fazê-lo—pois isso seria a maior das desgraças, o maior dos crimes.

—As consequencias...

—Seriam terriveis. Não é preciso ser forte em materia financeira para concluir que essa medida apenas beneficiaria os que têm dinheiro—os tubarões insaciaveis a quem muito se está devendo a situação do momento.

—As classes pobres...

—Ver-se-iam reduzidas á maior das miserias, pois a vida seria cada vez mais dificil.

—Mas os salarios, por sua vez...

—Não me fale em salarios. Eles não comportam as despesas do momento, quanto mais as despesas que o futuro traria, imensamente maiores!

—Mas o tesouro está exausto. Os Bancos estão a retrair-se.

—Deixálo. Tudo, menos aumento de circulação fiduciaria.

—O comercio está a lutar com dificuldades...

—Só o pequeno comercio. O alto comercio não. Tem as diferenças cambiais, tem as pautas.—Vai-se governando bem. O pequeno comercio, as industrias parasitarias é que serão as vitimas. Mas assim é preciso. Aumentar a circulação fiduciaria para os favorecer?—de maneira nenhuma.

—Admitindo a possibilidade desse aumento?

—Não posso admitir semelhante possibilidade. Só um ministerio composto por alienados ou por incompetentes absolutos deitaria mão a essa medida, num momento destes. Não acredito, pois, no boato.

TAUROMAQUIA

Torres Branco

Torres Branco, bandarilheiro que no inicio da sua carreira esboçou notaveis aptidões, foi um espirito culto que abrigou o bom sonho da associação e da reforma e pensões para a classe. Se alguma coisa hoje existe, cremos que em grande parte o devem os toureiros á sua memoria. E por ser assim é justo que se ocupem da continuação dos trabalhos para a ultima morada e para a homenagem postuma devida ao pobre Torres Branco.

Dr.ª Laurinda Alambre
MEDICA
Doenças uterinas—Partos—Electroterapia
Consultorio:
Rua Garrett (Chiado), 36, 1.º E.
Consultas ás 15 horas—Telef. C. 3680

TRAPO
Compra-se.
R. Luz Soriano, 48.

A' VOLTA DO REGICIDIO

D. Amelia
esteve para ser
victima dum atentado
que destruiria
o comboio em que viajava

Muitos dos sucessos dos ultimos anos do constitucionalismo permanecem ainda envoltos em misterio.

Sobre os acontecimentos propriamente politicos—a intriga palaciana e partidaria—varios elementos têm vindo a lume, em alguns livros rubricados por figuras em destaque naquele tempo.

Mas o que continua sem ser esclarecido—embora de vez em quando se levante uma ponta do espesso veu que o cobre—é o que se passou nos *bas-fonds* revolucionarios nos ultimos anos do regimen deposto em 5 de outubro.

Ha casos interessantissimos a revelar, paginas de novela curiosissimas, salpicadas aqui e ali por gotas de sangue...

Alguns deles, mais tarde ou mais cedo, hão de ser conhecidos e apreciados. Outros ha, porém, sobre os quais ficará sempre, a furtalos á nossa curiosidade, a pedra do esquecimento e do misterio...

* * *

O livro de João Franco veiu ressuscitar antigas questões, provocar discussão á volta de certos acontecimentos, despertar novamente para o interesse publico a tragedia de 1 de fevereiro, os seus antecedentes e consequentes.

Os personagens que figuraram nesse final de acto, tragico e ridiculo a um tempo, ao ouvirem recordar os sucessos em que fôram figurantes—titeres ou titereiros—vêem passar ante os olhos—uns com saudade, outros com pavor—os espectros dos que morreram, das vitimas das intrigas dos bastidores e das propagandas criminosas dos subterraneos politicos.

O livro de João Franco, que tem sobretudo o nobilissimo fim de levantar dois mortos, pesa como um castigo sobre as cabeças de alguns vivos, que ali vêem revelada a sua fraqueza ou a sua cumplicidade.

* * *

No hospital de Santa Marta, deambulando como uma alma penada, ha hoje um espectro—uma palida sombra de um homem que teve nessa tragi-comedia um dos mais importantes papeis.

Aquele homem alto, trigueiro, de vontade energica e olhar estranho que os politicos se acostumaram a admirar ou a temer—o José Nunes das audaciosas tentativas, o escritor simples mas desassombrado de «A Bomba Explosiva» e do «E para quê?»—é hoje uma simples lembrança do que foi.

Ha três anos—depois de um passeio de automovel—José Nunes (um perigo sempre vivo para certas pessoas que na sombra desempenharam importantes papeis) esqueceu-se subitamente de tudo, do seu passado, dos seus amigos, dos seus actos.

Em vão, tentou recordar-se, ligar datas, factos, pessoas. A amnésia era total.

Graças, porém, aos cuidados dos medicos e de alguns amigos, a memoria que lhe fugira começou a regressar pouco a pouco áquele cerebro por onde tantas fortes comoções passaram nestes agitados vinte anos.

Hoje, José Nunes está na enfermaria N. A. do hospital de Santa Marta, entregue aos dedicados e sabios cuidados do dr. Egas Moniz que constantemente o aconselha:

—Você ainda pode voltar a ser um homem forte. Mas só para cuidar da sua vida e dos seus filhos...

Que José Nunes tem dois filhos—uma pequena e um rapaz—a quem adora enternecidamente.

Não só pelo que tem vindo nos jornais, mas até pelos seus proprios livros, sabe-se que José Nunes teve um importantissimo papel em todos os sucessos que agitaram os ultimos meses de El-Rei D. Carlos e o reinado de D. Manuel II.

Audacioso e romantico, julgando-se predestinado para uma obra de libertação e de justiça—e muita vez revoltado pela fraqueza e pela indecisão dos seus camaradas—José Nunes concebeu os mais espantosos planos e executou os actos mais arriscados, com perigo constante da liberdade e da vida.

Recordar, numa simples conversa com ele—agora que José Nunes já se lembra, dum modo geral, do que viu e do que fez—os acontecimentos em que interveiu, era uma interessante pagina de jornalismo, neste momento em que tanto se discutem as figuras de D. Carlos, de seus filhos e de João Franco e os factos que á sua roda se desenrolaram.

* * *

José Nunes estava conversando com alguns doentes quando entrámos. Sobre a cama, um jornal com uma larga transcrição do livro de João Franco. Interrogámo-lo:

—Já leu?

—Assim que vi o jornal, mandei-o comprar, mas ainda não o tenho.

Apressámo-nos a oferecer-lhe o nosso exemplar. E José Nunes agradeceu:

—Ainda bem que m'o trouxe. Não calcula o interesse com que vou lê-lo. Nunca li nada de João Franco, mas deve ser um livro notavel.

—Admira João Franco?

José Nunes sorri tristemente:

—Olhe. Só lhe digo uma coisa: Se João Franco, em vez de se vêr rodeado por maus politicos, tivesse ao seu lado uma meia duzia de homens inteligentes e decididos, com o seu pensamento—a Republica não teria vindo e Portugal seria hoje um grande país com um grande Rei...

—?

—D. Carlos.

E uma nuvem de tristeza mais forte passou pelos seus olhos...

* * *

Lemos algumas passagens do livro de João Franco: sobre o procedimento de D. Manuel após o regicidio, e parte que certos politicos do regimen tomaram nesses sucessos...

—Houve politicos monarquicos metidos nisso?

—Aí é que bate o ponto...—comentou significativamente José Nunes.

Falamos do regicidio. E José Nunes pedenos:

—Não tratemos do caso a fundo. «Isto» vai indo bem, e se tenho uma comoção mais forte, pode fazer-me mal. Falemos apenas superficialmente...

—Você tem um livro em que revela todos os misterios do regicidio e doutros factos...

—E' verdade. Está guardado em logar seguro.

—Quando tenciona publicá-lo?

—Não sei. Chama-se «Memorias em testamento, sem valor material». Sei que causará amargos de boca a muita gente. Mas paciencia...

—Nele relata o que fez e o que viu?

—Tudo. Quero que os meus filhos possam sempre dizer:—«Tudo o que o nosso pae fez de bom ou de mau, fê-lo sempre com sinceridade e com boas intenções...»

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Pelos teatros

Maria Côrte Real

Entre as figuras femininas que constituem o brilhante elenco da companhia Lucilia Simões distingue-se pela sua beleza, frescura e elegancia a interessante e distinta

MARIA CORTE REAL

actriz Maria Côrte Real. Esta encantadora actriz, na peça «O Leque», ali em scena, pela sua graça e pela sua deliciosa juventude, imprime ao seu papel tamanha galanteria que o publico a aplaude com carinho e verdadeira ternura.

«A Severa»

Na proxima quinta feira não ha espectaculo no Nacional, pelo que a peça «Os Dois Garotos» se representa ámanhã, pela ultima vez, para se realisar o ensaio geral da peça «A Severa», de Julio Dantas, que sobe á scena, impreterivelmente, na sexta feira, 1 de agosto, posta com todos os requintes scenicos e uma cuidada enscenação dirigida por Augusto de Lacerda, e assistida de perto, carinhosamente, pelo autor. A distribuição completa da peça é a seguinte:

«D. João, Conde de Marialva, Samwell Diniz; «D. José», João Calazans; «O Custodia», Ribeiro Lopes; «Romão», alquilador, Joaquim Prata; «Timpana», botieiro, Alvaro de Almeida; «Diogo», Octavio Bramão; «Roque», Carlos de Sousa; «O Mongerona», Teixeira Soares; «O Faiaa», moço de estribeira, Artur Brego; «O Mulato», moço de estribeira, Armando Ferreira; «A Severa», Ester Leão; «A Marqueza», Helena de Castro; «Chica», Albertina de Oliveira; «Maria da Luz», Branca Ricchetti.

Homenagem á Aviação

Os poucos bilhetes que restam para o espectaculo final da companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, no dia 31 do corrente, no Trindade, noite da sua despedida ao publico de Lisboa e recita de homenagem á Aviação Militar, promovida pelo actor Carlos Alves, dedicada aos clubs José Avelino, de Cacilhas, e Lusitano Club de Lisboa, estão já á venda no camaroteiro do teatro, havendo o maior interesse em vêr a peça «A Ceia dos Cardiais», desempenhada por Alves da Cunha, Carlos Santos e Henrique Alves e, no acto de variedades, a «Canção Nacional», em que tomam parte Alfredo Duarte, cantador; João Fernandes, guitarrista e Alfredo Mesquita, viola.

Atrás do reposteiro

Desligou-se da companhia Otelo de Carvalho, que funciona no Eden Teatro, a insinuante e gentil actriz Elisa Santos.

—Foi contratada para a companhia que vai interpretar no S. Luiz a peça «Maria Antonieta», a actriz Maria Izabel.

—O actor José Ricardo, cujas melhoras se acentuam, deve representar ainda este verão, no Nacional, uma curiosa comedia hespanhola de grande sucesso.

—Consta que a companhia Augusto Pina, que esteve trabalhando no Politeama, procura fazer, num teatro de Lisboa, a peça «O Martir do Calvario», ou seguir em «tournée» pelas praias.

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho trabalha amanhã e depois no teatro Rosa Damasceno, de Santarem, vindo no dia 2 realisar uma recita no Club José Avelino, de Cacilhas.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

Uma luta herculea

Manuel Gonçalves disputa hoje a Grilo, no Coliseu dos Recreios, o titulo de campeão

Manuel Grilo e Manuel Gonçalves, os dois colossais lutadores portugueses, vão ter hoje, no Coliseu dos Recreios, um combate renhido, vigoroso, herculeo, para disputa do titulo de campeão de Portugal. O primeiro, confiando na sua destreza, no seu vigor, na sua decisão e, sobretudo, na sua magnifica preparação, pretende conservar o titulo energicamente ganho a Rui da Cunha; o segundo, por seu turno, pretende disputa-lo para si, confiando para isso na sua força muscular, que é poderosa, na sua energia e na sua grande vontade.

O que vai ser o combate entre os dois valentes lutadores?

E' o que esta noite vai vêr-se no Coliseu dos Recreios.

Os outros combates são entre o francês Mangarde e o alemão Stoll e entre o francês Devilliers e o alemão Ritzler.

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.°

Teatro APOLO
HOJE 5.ª representação
A peça de Ernesto da Silva
O CAPITAL
Titulos dos actos: 1.° «A Tramcia Politica»; 2.° «O 1.° de Maio»; 3.° «A Greve»; 4.° «A Queda do Capital».
Concertos de «Jazz-Band» Preços baratissimos

Com todos os seus encantos, surpresas e atracções
É sempre uma peça nova
a revista-fantasia
Fruto Proíbido
que hoje ás 9,45 da noite repete no
EDEN-TEATRO

Teatro MARIA VICTORIA
no Avenida-Parque
Hoje em dois espectaculos, ás 8,45 e 10,45 da noite. Brilhantissimo sucesso do numeros novos: «A Mulher Moderna» e «A Menina Exigente» por Declinda de Macedo. A revista triunfante. A mais aplaudida. A mais graciosa
RÉZ-VÉZ

S. CARLOS Telef. C. 3063
HOJE, ás 9,45 da noite — Despedidas irrevogaveis em pleno exito, a mais linda e graciosa das peças
O LEQUE
Brilhante criação de LUCILIA SIMOES com Antonio Pinheiro, Erico Braga, Amelia Pereira, Joaquim Almada e mais artistas

TEATRO da TRINDADE
Emp. José Loureiro Telef. C. 876
HOJE e AMANHÃ — Ás 21,30 — ULTIMAS
O Papá Lebonnard
Quinta-feira, 31: Despedida da companhia
Recita de homenagem á Aviação Militar

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer)
TODAS AS NOITES Esplendidos concertos
Profusa iluminação
Numerosos recreios e diversões
O mais agradavel dos recintos ao ar livre e o mais concorrido

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 21,30 IRREVOGAVELMENTE em penultima representação. A sensicnalissima peça
OS DOIS GAROTOS
Admiravel trabalho de Ilda Stichini e Ester Leão
Preços reduzidos: Plateia, 4$40, 5$60, 9$50, 12$00; Camarotes, 20$00, 35$00, 50$00; Galeria, 3$40.
Não ha locação
Sexta-feira, 31: A SEVERA do dr. Julio Dantas

Dupla aventura
E' sem duvida
A MELHOR SUPER-SERIE
Não estranhar por isso a enchente
HOJE
no
Cinema Condes
onde se estreia o 4.° episodio «O Reporter e o emigrado». Admiravel trabalho de Carlos Hutchinson. (Folhetim em «O Seculo»).

Cinema Condes

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

T. M. E.

Venda em hasta publica dos navios dos Transportes Maritimos do Estado

A fim de se dar execução á Lei n.° 1577 de 10 de abril findo, faz-se publico que no dia 3 de Agosto proximo terá lugar pelas 14 horas, na séde dos T. M. E., Rua dos Remolares, n.° 35, 1.°. «Primeira praça» para venda em hasta publica publica dos seguintes navios:

«FIGUEIRA», «PORTO ALEXANDRE» e «SACAVEM»

Os navios serão vendidos nos termos expressos na Lei, sendo tomada como base de licitação a sua avaliação oficial, e com o seguinte: casco com todos os acessorios; mastreação e seu apetrechamento; maquinas principais e auxiliares; caldeira e embarcações.

Em virtude de ter sido, em reunião de Conselho de Ministros de 15 do corrente, anulada a venda dos navios «Amarante», «Cunene» e «Gôa», voltam os mesmos a ser postos em nova praça, na data acima indicada, sendo a base de licitação metade da avaliação oficial.

No mesmo dia se procederá á venda do rebocador «Estoril».

Por tambem ter sido anulada a praça do vapor «Porto» será este navio novamente posto em praça, no dia acima indicado, sendo a base de licitação a sua avaliação oficial.

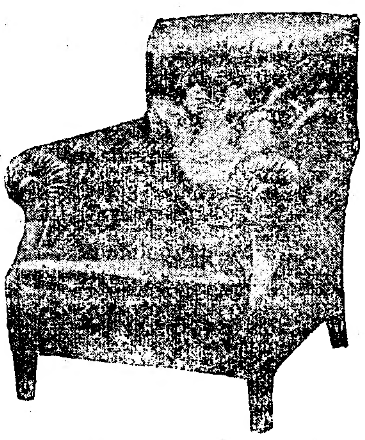
Estes navios encontram-se patentes ao publico todos os dias uteis das 12 ás 17 horas.

Na séde das Transportes Maritimos do Estado, fornecer-se hão todas as informações que os interessados desejarem.

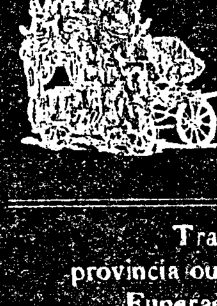
A Comissão Liquidataria dos T. M. E.
O PRESIDENTE
(a) Ayres de Castro e Almeida

Agente e pregoeiro
Manuel Ferreira

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)
TEL. C. 3082



PAPELARIA VIUVA MARQUES
TELEFONE C. 2676
LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
Artigos de escritorio Material para desenhadores
PREÇOS MODICOS
34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —



FUNERAES
Dos mais simples aos de maior pompa
Mario Augusto da Silva Milheiro
131, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA
Trasladações para todos os cemiterios, provincia ou estrangeiro. Urnas, armações, corôas, etc.
Funeraes dos hospitaes, morgue e particulares
TELEFONE 1094 N.
PREÇOS REDUZIDOS
Chamadas a toda a hora

Joias-Ouro-Prata
Não comprem nem vendam sem consultar a nossa casa. A maxima seriedade em todas as transacções. Vamos a casa dos Ex.mos clientes fazer as avaliações e compramos a cobrir todas as ofertas,
Barreto & Gonçalves, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 17
(Antiga Rua de Santo Antão)
Telefone 3759-N
LISBOA

GARAGE E OFICINAS
INVICTA, L.DA
R. do Arco do Cego, 31-A
LISBOA
Oficinas de reparação de automoveis
RECOLHA MENSAL 50$000
Telefone N. 395

Ratgondins, rapozas, skungs, opussom, petit gris, etc.
Sempre grande e variado sortido em peles estrangeiras e nacionaes.
Curte, tinge e confecciona; rapidez e perfeição.
Preços para reclame.
Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, L.da
Telefone N. 5111
49, Rua das Pretas, 2.°
SICPAL

GRANDE HOTEL DE SANTA LUZIA
Monte de Santa Luzia
VIANNA DO CASTELLO
A MAIS SURPREHENDENTE E VARIADA PAYSAGEM DE PORTUGAL
Todos os quartos com ADMIRAVEIS VISTAS sobre o mar, rio, campo e cidade. Conforto. Optimo tratamento.
PREÇOS MODICOS
PROPRIETARIOS: — Viuva Cerqueira & Filhos — «Hotel Central».

A cura das doenças pelas plantas
3.ª edição
Mais de 100 plantas medicinais para remedios caseiros
Á venda nas livrarias
Pedidos a Antonio Ribeiro
Rua Nova da Trindade, 87
Preço 2$00 Pelo correio 2$50
3.ª edição

MOBILIAS
COMPRAI SÓ NA
Travessa de S. Mamede, 60, 60-A
(á Politecnica)

ESTRANGEIRO

A. Reis, L.da
CHANGEURS • CAMBISTAS • CHANGERS
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 ..... LISBOA

DO BRAZIL

Está impedida a retirada das tropas rebeldes da cidade de S. Paulo?

RIO DE JANEIRO, 29

Nesta capital lavra grande regosijo pela terminação da luta em S. Paulo, tendo o Presidente da Republica sido alvo ontem duma manifestação em que tomaram parte milhares de pessoas.

O comandante em chefe das forças legais comunicou oficialmente ao Presidente da Republica que os revoltosos abandonaram a cidade, fugindo em diversas direcções. As tropas governamentais perseguem inergicamente os sediciosos, muitos dos quais já foram capturados, parecendo confirmar-se a prisão do general Izidoro de Figueiredo.

Os rebeldes têm a retirada impedida pois as cidades de S. Roque, Jundiady, Sorocaba, Mayrinok, Itu, Aracotuba, Mogy Mirim e outros pontos por onde eles devem passar estão ocupadas por forças do exercito e por colunas enviadas pelos governos dos Estados de Paraná, Mato Grosso e Minas Gerais.

O presidente deste ultimo Estado, dr. Raul Soares, enviou logo no inicio do movimento um batalhão de policia para a fronteira de S. Paulo, a fim de cooperar com as forças legalistas.

Entre os perseguidores dos amotinados entra-se um batalhão patriotico organisado por civis e que tomou o nome do dr. Artur Bernardes.—(A.)

Os revolucionarios não resistiram ao ultimo assalto

LONDRES, 29

Terminou a revolução do Estado de S. Paulo com a tomada desta cidade pelas tropas federais.

A revolta tinha sido iniciada no dia 4 do corrente, tendo os revoltosos conseguido obter varias vantagens e tendo feito «raids» audaciosos.

Não poderam resistir, porém, ao ultimo assalto feito pelas tropas federais, que eram numericamente muitissimo superiores ás forças de que dispunham os rebeldes.

O embaixador italiano sr. Battoglio lançou uma proclamação aos italianos residentes no Brasil, solicitando-lhes que se abstivessem de tomar parte no conflito e que continuassem o seu trabalho fecundo. — (R.)

S. Paulo foi abandonada estrategicamente?

NEW-YORK, 29

Noticias de S. Paulo comunicam que a revolta foi dominada naquela cidade, tendo as tropas federais tomado conta de todos os edificios que estavam em poder dos rebeldes.

O chefe dos revolucionarios não fo preso e, segundo comunicações dos mesmos, o abandono da cidade é simplesmente uma retirada estrategica.—(H.)

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

Carpentier PERDEU o campeonato do mundo de "meios pesados,,

mas o seu adversario devia ter sido desclassificado

Georges Carpentier, o famoso pugilista francês, acaba de ser batido, no «Polo Grounds» de Nova York, por Gene Tunney, campeão da America, de meio-pesados.

O «match» fez-se para o campeonato mundial da categoria. Mas conquanto devamos inclinar-nos perante a decisão do arbitro americano que a outro americano deu o titulo, não podemos deixar de a comentar. Porque, como mais adiante se verá, o veredicto ocasionou protestos veementes duma importante fracção dos espectadores do encontro.

O inicio da batalha, viu o Carpentier dos grandes dias. O elogio não é pequeno — uma vez que Georges tinha deante de si um dos melhores pugilistas do mundo.

O francês deu provas evidentes da coragem e da combatividade que tanto contribuiram para a sua reputação de «áz» do «ring»,

E agora, depois da derrota — merecida ou não — que vai fazer o discipulo de Descamps? Procurar uma desforra que as circunstancias tornam forçosamente problematica; ou inclinar-se perante o «inevitavel», retirando após 17 anos duma brilhantissima carreira.

* * *

Ao «match» assistiram umas 40.000 pessoas.

Carpentier pesou 78 quilos 472. Tunney: 78 quilos 925. A' entrada no «ring», ambos foram aclamadissimos.

O combate começa, e Carpentier ataca imediatamente, lançando um «directo esquerdo». Tunney esquiva e procura entrar em côrpo a-côrpo». Mas o francês evita-o, com um salto para o lado, colocando á passagem um «crochet» da direita.

O «match» prosegue assim, com uma mobilidade grande, e Georges domina literalmente o adversario, pela destresa e pela rapidez do seu jogo de pernas.

As três primeiras «réprises» sucedem-se sem variante. O americano procura impôr o «combate de perto».

No quarto «round», Carpentier dá um belo «crochet» da direita, atingindo Gene Tunney na cara. O americano cambaleia, mas cobre-se.

Até ao decimo «round», a fisionomia do encontro mantem-se. Carpentier mostra-se muito melhor esgrimista do punho, mas os seus socos são impotentes para abalar o campeão da America.

Na decima «réprise», ao sair de um «côrpo-a-côrpo», Tunney «contra» com a «direita». O francês, atingido no queixo, cae e ajoelha a seguir, esperando que o arbitro conte até sete Retoma o combate, mas está abaladissimo. Um outro «crochet» atira-o de novo ao tapete, e Georges chega com dificuldade ao fim do «round».

Na «réprise» seguinte, o francês reage. Esquiva bem e continua a atacar. Mas já não tem a mesma velocidade do inicio e dificilmente poderá alcançar a desvantagem que o 10.° «round» lhe deu. Parece, contudo, ter compreendido que a unica «chance» que lhe resta, é uma vitoria por «knock-out».

E pela maneira por que se bate, pelo entusiasmo que mostra no ataque, vê-se que não perdeu a esperança de triunfar por esse modo.

No 14.° «round», Carpentier joga o seu «và-tout». Alguns segundos antes do «tempo», o francês atira Tunney ás cordas. O americano desequilibra se e vai caír, quando se vê Carpentier rolar sobre o tapete e ficar estendido, como morto.

O arbitro, suspreendido, não conta. E ao fim de dois segundos, sôa o «gong».

Os «soigneurs» de Carpentier sobem ao «ring» e levam-no para o canto. Descamps gesticula na direcção do arbitro, que se conserva impassivel.

Na multidão estala uma enorme vozearia. Por toda a parte se ouve gritar «foul». Quasi todos os espectadores viram um golpe baixo, ou antes, uma joelhada que Tunney deu no baixo ventre do francês.

A gritaria redobra.

Sôa o «gong» para o 15.° «round». Carpentier levanta-se, ajudado pelos «segundos», e avança penosamente, dobrado em dois e sofrendo visivelmente.

O jury intervem, vendo que o francês está impossibilitado de continuar o combate, e proclama a vitoria de Gene Tunney.

François Descamps salta para o «ring», protesta contra a decisão, e pede que se realize o ultimo «roud». A policia intervem, e obriga-o a descer.

A maioria dos espectadores precipita-se para o «ring» e chama Carpentier, pedindo a desclassificação do americano.

O tumulto cresce de ponto, havendo em varios sitios da sala, embates entre a policia e os protestantes.

* * *

Tal foi o «match», que muitas polémicas ha de suscitar.

Afirma-se comtudo que a fita cinematografica feita do encontro, dá a prova absoluta de que Georges Carpentier foi tocado no baixo ventre por uma joelhada de Gene Tunney.

Assim perdeu o grande pugilista latino o campeonato do mundo de «meios-pesados».

LIVROS NOVOS

Homens do meu tempo, por João Paulo Freire (Mario).

272 paginas de critica desassombrada a vavarios vultos eminentes nas artes, nas letras, no comercio e jornalismo.

«Louvores sem pieguice e bordoada sem piedade nem subterfugios».

Pão pão, queijo queijo, sobre algumas glorias balôfas e sobre algumas injustiças dos homens.

Deposito em Lisboa Livraria Morais. Rua da Assunção, 49 e 51

Porto.—Livraria Civilização, Editora. Rua das Oliveiras, 75.

A' venda em todas as livrarias

FATOS E SOBRETUDOS

Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.°.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
—Pelo correio mais $20 para registo—
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

DE LONDRES

Será expedido quinta feira o convite á Alemanha para ir á conferencia

LONDRES, 29

Embora não tenha sido fixada a data em que será feito o convite á Alemanha para participar dos trabalhos da conferencia inter-aliada, os jornais dizem que o convite será expedido quinta-feira, pois a conferencia tem os seus trabalhos quasi concluidos, e portanto em condições de receber a Alemanha, sendo todos de opinião que é necessario abreviar a chegada dos delegados da conferencia.

A restauração da união fiscal alemã

O relatorio da segunda comissão, relativo á restauração da unidade fiscal economica do Reich no Ruhr, ontem aprovada em sessão plenaria, ainda não foi publicado oficialmente.

Os jurisconsultos encarregados pela conferencia, segundo decisão ontem tomada, de interpretar o «memurandum» anglo-francês de 9 de Julho iniciaram hoje os seus trabalhos.—(L.)

Virginia Gomes Almada

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Igreja

Antonio Almada, Arthur Gomes Bebianno e sua mulher Julia Cintra Bebianno, Antonio Gomes Bebianno e sua mulher Judith Franco Bebianno e filhos, Maria José da Costa Almada, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento no Estoril de sua querida mulher, mãe, sogra, avó e nora e que o seu funeral se realisa amanhã, 30, pelas 14 horas, da estação do Caes do Sodré para o cemiterio do Alto de S. João.

CAMBIO DO DIA	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	155$50	156$00
*/Paris..........	1$77	1$81
*/Madrid........	4$70	4$75
*/New-York	35$25	35$30

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA	COMPRA	VENDA
*/Italia.........	1$52	1$54
*/Suiça..........	6$48	6$55
*/Brasil.........	3$35	—
Libra esterlina...	175$00	185$00

A' VOLTA DO REGICIDIO

UMA RECONSTITUIÇÃO

de factos

PASSADOS HA 16 ANOS

pelo revolucionario José Nunes

(*Continuação da 5.ª pagina*)

Aqui a conversa torna-se dolorosa:

—Sinto remorsos, muitos remorsos do que fiz. E sinto remorsos, principalmente, porque o país só perdeu com tudo isso. Mal empregado tempo, mal empregados esforços, mal empregadas vidas...

—Não esteja a fatigar-se. Desde que sempre procedeu com boa intenção...

—Ah, sim! Eu sei que fiz actos de que nem o arrependimento me desculpa. Mas que quere? Se eu andava bebado com aquele nectar... Eu, como tantos outros... A uns, deu para o bem. A outros, para o mal...

Evocam-se novamente as figuras de João Franco, das vitimas da tragedia de 1 de Fevereiro, das pessoas reais. E José Nunes, com uma alegria infantil a bailar-lhe nos olhos estranhos, conta:

—No meio do meu remorso, só tenho uma satisfação: é não ter executado um plano que ideara e que custaria a vida a muita gente.

—Foi em vida de D. Carlos?

—Não. Depois do regicidio. Um dia começou a dizer-se que a Dona Amelia ia a Biarritz tratar do casamento do filho. Se tal se conseguisse, era a sucessão assegurada e anulado um dos principais resultados do regicidio.

—Houve quem pensasse em evitar a viagem?

—Todos me diziam: «E' preciso evitar isso! E' preciso evita-lo a todo o custo...» Mas ninguem se decidia a evita-lo. A insistencia com que me falavam no caso, como que a pedir-me que tratasse eu disso, e a impressão que me causava a indecisão dos outros—levaram-me a estudar a maneira de cortar a viagem, reputada tão perigosa para a marcha da nossa causa...

José Nunes cala se um bocado. Está cansado de recordar...

—Sem dizer nada á ninguem, concebi um plano. Tirei informações e arranjei elementos materiais. Estava tudo pronto! E era o proprio Estado que me ia fornecer o principal...

—O que era?

—A electricidade da alta tensão, necessaria para fazer funcionar a minha «maquina infernal».

—Essa «maquina»...

—Ficava colocada na parte mais alta de toda a linha. A' passagem do «Sud-Express», eu cortá-lo-hia pelo sitio que mais me conviesse. As carruagens precipitar-se hiam por ali abaixo. As pessoas reais que iam no ultimo vagon ficariam esmagadas. Por seu lado, a locomotiva descarrilaria. Emfim: poucas pessoas escapáriam.

—E porque razão não o fez?

—Estava tudo preparado. Nesse dia, falei a um amigo intimo—destes amigos a quem se fazem confidencias. Contei-lhe o meu plano. Ele tentou demover-me: «Você pense bem! Não faça asneiras! Morrerá muita gente... E você tem filhos .. Pense bem!». Tantas coisas me disse, que eu, horrorizado, renunciei ao meu projecto. Vi o odioso que cairia sobre os meus filhos inocentes—e desisti. Ainda bem!

* * *

Volta a falar-se no regicidio e noutros sucessos graves. E José Nunes, no olhar a prova do seu arrependimento, ainda nos disse, exaltado pela recordação do que fez, estas palavras que lhe saem do coração e nos comovem profundamente:

—Mentiram-me! Mentiram-me! Eu andava bebado com aquele nectar... Ah! Se você soubesse como eu tenho remorsos...

E lá ficou sobre a cama pobre do hospital, a ler a ultima homenagem de João Franco ás régias vitimas da tragedia do Terreiro do Paço...

Felix Correia

ASSISTENCIA PUBLICA

"Roubaram tudo que havia no Lazareto. Parece que passou por ali um bando de ladrões„

diz ao "Diario de Lisboa„

o ministro do Trabalho

Quem nos fala é o sr. dr. Rodolfo Xavier da Silva, ilustre criminalista e professor, presentemente ministro do Trabalho. Estamos no seu gabinete, onde se desenha a figura sobria do sr. dr. João Luís Ricardo, funcionario superior do ministerio e distintissimo homem publico, apaixonado das suas funções, e superior á politica reles de tantos correligionarios.

—Assistencia publica... desenvolvimento de serviços... a protecção oficial aos pobres e ás creanças... O Lazareto e o estado em que os ladrões o deixaram...—eis a primeira parte da conversa.

—Acedo—responde o ministro.

Agora segue, num resumo interpretado por nós, que não somos gramofone de entrevistas. e em globo, o que nos disse o sr. dr. Xavier da Silva.

* * *

—A Assistencia vai ser remodelada, melhorada, num sentido menos precario do que até aqui. Obra mais util. O Refugio, sobretudo, merece-nos atenção. Tem de merecer carinho a todos. Imagine que neste Refugio, que devia ser instituto de passagem, de selecção, se encontram mais de 500 individuos, numa promiscuidade perigosa, degradante. Creanças, taparigas, mulheres, homens feitos e rapazes, velhos tudo quasi em contacto, doentes com sãos, regeneraveis com anormais. Uma tristeza. Não pode ser. Tratamos de conseguir que esses protegidos da assistencia oficial sejam divididos por varias casas, segundo a sua condição e estado, isolados uns dos outros.

—De quem tem sido a culpa? De ninguem. Talvez das circunstancias. As boas vontades agora vão orientar-se num sentido mais logico, mais social, mais rigoroso. Falou-me no Lazareto. Vou tentar transferir para ali os velhos da Assistencia, todos, que por lei têm de estar fóra de Lisboa, e nas casas e asilos onde agora estão se farão os Refugios e casas para as varias classes de individuos, ao abrigo da Assistencia. (Como nota de relêvo): Assim poderemos proteger, cuidar de mais mil individuos, que a Assistencia tem de cobrir. Deve ser uma obra pela qual todos os cidadãos se têm de interessar.

—O Lazareto em que estado o encontrei? Uma desgraça. Passou por ali um bando de vandalos ladrões. Parece inacreditavel. Vi—com os meus olhos. Não escapou nada. Nem as paredes. Toda a canalização das paredes foi roubada. Deitaram aposentos ao chão para fazerem lenha. Roupas, mobilias, tudo. E o processo? Tem-no a policia. Ainda não o vi. Trata-se de repôr tudo, e pôr lá agua, porque nem agua ha, é claro. Até os autoclismo, os canos, os vidros. Ha 1.700 vidros quebrados...

—Outro proposito nosso: socorros medicos espalhados por toda a cidade, com postos fornecidos de tudo o preciso para caso de urgencia. Medico, ferros, medicamentos. Assim, o Banco do Hospital ficará mais descongestionado. Emfim: o que já se faz nas cidades de S. Paulo e do Rio. Mas acentue que a reforma geral dos serviços de Assistencia é a grande obra fundamental: escolas maternais dos 2 aos 8 anos; escolas profissionais até aos 14; escolas oficiais até aos 18. A promiscuidade do Refugio ha-de acabar, deixando de suceder o que sucedia agora, isto é: tornando-se proveitosa e digna a boa vontade dos directores que tem havido.

* * *

Outro assunto: Bairros Sociais. Responde o ministro:

—Penso que o Estado não tem capacidade administrativa nem financeira. Não pode administrar nem continuar obras. Logo: alienar o que ha.

E desenvolve:

—O bairro da Covilhã vai ser entregue á Camara desta cidade; só falta assinar o contrato. Os terrenos dos bairros da Ajuda e de Alcantara, hoje expropriados, vão ser entregues aos proprietarios. Para o primeiro já está aceite a indemnisação, pelo preço da venda e avaliação. São 340,310 metros quadrados que pagaremos a 70 centavos o metro por acordo com os proprietarios. Os de Alcantara pedem uma exorbitancia, e, ainda os... juros. Não posso aceder. Está em litigio. Não pagarei.

—Arco do Cego? Oh! O Arco do Cego e os seus bairros sociais. Seriam precisos ainda 50:000 contos sobre tanto milhar de contos que se tem gasto. Não os temos. Imagine que só para conservar o que está são precisos, e já temos, 5:000 contos, que talvez não cheguem. Não podemos construir nem completar. Não ha canos de esgoto! Só a ligação para o colector geral custa... 5:000 contos. Impossivel. Vou propôr ao Parlamento para poder transacionar com a Camara Muuicipal, respeitando o objectivo das casas serem para operarios.

E findando:

—Uma bela iniciativa, a dos bairros sociais, mas que a Republica não pode realisar por falta de capacidade administrativa.

Assim falou o ministro.

A revolta brasileira

não visava a missão francesa

PARIS, 29

O Embaixador do Brasil nesta cidade, sr. dr. Sousa Dantas, declarou que é inexacta a informação segundo a qual os insurrectos visavam principalmente a missão militar francesa encarregada de instrução da policia de S. Paulo.

Por seu lado, o dr. Afranio de Melo Franco, chefe da embaixada especial do Brazil junto da Sociedade das Nações, publicou uma carta no «Journal de Genêve» dizendo que as informações publicadas em parte da imprensa europeia sobre o movimento devem ser consideradas suspeitas.—(A.)

Sporting Club de Portugal

Reune hoje, no Campo Grande, ás 20,30 horas, a assembleia geral ordinaria do Sporting Club de Portugal.

A ordem da noite é: Apreciação do relatorio da gerencia finda—Eleição de corpos gerentes.

A CIDADE DE COLONIA

vai ser evacuada?

LONDRES, 29

Segundo os jornais, o governo inglês comunicou á França e á Alemanha a sua decisão de evacuar novamente a cidade de Colonia e a região ocupada pelas tropas inglesas.—(L.)

A TARDE PARLAMENTAR

FOI INTERROMPIDA

a sessão

DEVIDO A UM DISCURSO

do deputado Carvalho da Silva

O sr. Cancela de Abreu a falar sobre as Misericordias e a Camara a fazer uma tal balburdia que não se consegue ouvir uma palavra. Cala-se o deputado monarquico á espera de que se faça silencio. O sr. Alberto Vidal, com auxilio da campainha e do carrilhão, chama a Camara á ordem. O sussurro diminue para logo recomeçar. O sr. Cancela de Abreu resolve-se a prosseguir, atacando a maneira como o Parlamento pretende auxiliar as Misericordias, sem tocar na pureza augusta da Lei da Separação.

E o deputado monarquico explica que a maioria procedeu assim— porque está acorrentada a um senhor feudal, a um estrangeiro que manda no nosso paiz.

O deputado monarquico pretende referir-se, naturalmente, ao dr. Afonso Costa.

* * *

A votação do art. 3.º do projecto que se está discutindo levantou acesa discussão entre o sr. Diniz da Fonseca e o presidente da Camara.

O deputado catolico jurava por todos os santos e santas da côrte do ceu que não tinha ouvido ler, na mesa, o artigo sobre o qual se ia fazer uma votação. O sr. Alberto Vidal dizia o contrario, a plenos pulmões.

Um trecho do dialogo:

—Eu não sei o que estou a votar.

—V. Ex.ª não tem razão de dizer o que está dizendo.

—Não se leu na mesa!

—Leu-se!

—Eu não ouvi!

—Não tenho culpa..

O sr. Tavares de Carvalho, em áparte:

—Como protesto é interessante...

—Acha V. Ex.ª que é interessante?

—Como protesto...

—V. Ex.ª não sabe o que está a votar!

—Ah, isso é que sei!

—Então diga-me V. Ex.ª o que é...

—Ora... ora...

E assim aprovou a Camara o celebre projecto das Misericordias, cuja discussão se vinha prolongando ha mais de três semanas.

* * *

O sr. Carvalho da Silva, falando sobre a acta, provoca grande celeuma na Camara, obrigando a maioria a protestar ruidosamente e a clamar em altos gritos que o deputado monarquico estava fóra da ordem.

O sr. presidente agita a campainha e toca o carrilhão com grande veemencia, não conseguindo fazer calar o deputado monarquico.

Chovem os ápartes de todos os lados da Camara. Os deputados democraticos batem furiosamente com os tampos das carteiras e o sr. Alberto Vidal, por fim, põe o chapeu na cabeça e interrompe a sessão.

O sr. Sá Pereira, comentando a atitude do deputado realista:

—Isto é uma autentica pouca vergonha feita ao paiz!

O sr. Carvalho da Silva declarou que vinha pedindo a palavra ha mais de um mês, sem conseguir falar antes da ordem.

—Queria preguntar ao sr. ministro das Finanças se o sr. Alberto Xavier era, de facto, consultor financeiro de uma casa bancaria; ao sr. ministro da Agricultura, se a Moagem já pagou 7:200 contos de diferencial de trigo e se o sr. Alvaro de Castro facultou á mesma Moagem um emprestimo de 5:000 contos na Caixa Geral de Depositos; ao sr. presidente do ministerio, o que tencionava o governo fazer á prata que tomou o rumo de Londres, etc., etc. O resto não se ouviu, tal foi o tumulto que se levantou na Camara.

A sessão reabriu mais tarde, prosseguindo á hora em que escrevemos.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114